

O programa expositivo do espaço-museu da *villa* romana do Rabaçal

Miguel Pessoa *, Sandra Steinert Santos ** e Lino Rodrigo ***

Resumo

O presente texto aborda os trabalhos arqueológicos desenvolvidos na aldeia do Rabaçal, ao longo de 15 anos, e os acervos recolhidos neste lugar do concelho de Penela, distrito de Coimbra. Cumulativamente, reflecte a etnografia da população e outras particularidades locais, como que reforçando a necessidade de trazer o centro para esta periferia, ainda marcada de exiguidades.

Deste modo, a arqueologia e as demais disciplinas no terreno, em comum, tentam contribuir aqui, para a fixação das Memórias e para a viabilização de melhores tempos, no presente e nos futuros.

A presente acção museal conta com um espaço expositivo já construído a expensas da autarquia de Penela e que integra, em permanência e segundo programa museológico, seis temas principais referentes ao "ontem" e ao "hoje", sendo que os quatro primeiros estão sistematizados, tendo em conta os materiais em presença (pedra, metal, cerâmica e vidro); o quinto tema é dedicado ao Homem e à Mulher – fazedores e refazedores de Paisagem; o sexto e último tema é marcado pela ideia do "inacabado". Para além deste espaço expositivo, são sugeridos percursos patrimoniais no território, numa perspectiva ecomuseológica.

Résumé

Cette exposé abordera les travaux archéologiques entrepris dans le village de Rabaçal depuis quinze années, et ses découvertes, mises à jour dans la région de Penela.

* Museu Monográfico de Conimbriga, 3150 Condeixa.

** Villa romana do Rabaçal, 3230 Penela.

*** Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa.

En somme, cela reflète l'éthnographie de la population et de ses particularités locales et la nécessité de porter le centre à la périphérie trop marquée par ses limites.

Au gré de cette démarche, l'archéologie et les autres disciplines ont tenté de contribuer en commun, à la reconnaissance des lieux de Mémoire.

Le programme d'animation de l'espace museologique consiste dans un espace d'exposition, déjà construit par l'autarchie de Penela, où sont présentées six thèmes englobant le passé et le présent. Les quatre premiers sont dédiés à la pierre, au métal, à la céramique et au verre. Le cinquième sera consacré à l'Homme et à la Femme, jardiniers du Paysage. Le sixième et dernier thème est marqué par l'idée du inachevé.

En sus, il vous sera suggéré des parcours pédestres à travers le patrimoine dans une perspective ecomuséologique.



Introdução

A *villa* romana (logotipo de autoria de José Luís Madeira) foi construída em meados do século IV e encontra-se a meia encosta do fértil vale do Rabaçal, na base do monte Maria Pares, na vertente Este da Serra do Sicó, que vemos percorrida por arrifes na direcção N/S (figs. 1 e 2).



A localização da *villa*, a meia encosta, apresenta uma exposição privilegiada entre uma cumeada com árvores e um pequeno riacho, como recomenda Columela (séc. I d. C.). A *villa* também segue as sugestões de Catão (séc. I a. C.) para a implantação de uma granja ou quinta agrícola (*villa*) de pelo menos 100 jeiras, pois encontramos, nos campos circundantes, vinhas, hortas irrigadas, salgueirais para obtenção do vime, olivais, prados, campos de trigo (fig. 3), floresta, arvoredos e azinhal. As estradas imperiais próximas da *villa*, onde desembocavam os caminhos vicinais e os infestos, serviam optimamente o escoamento de produtos, a chegada e a partida de homens, bem como a segurança de pessoas e bens, facilitada pela mobilidade do exército.

A construção da *villa* áulica, ou seja, desta residência de família nobre, porventura ligada à classe mais alta do seu tempo, atende aos princípios defini-

dos pelo arquitecto Vitrúvio (séc. I a. C.) no seu manual “De Architectura”. Assim, vemos que esta parte áulica, residencial, está construída a Sul da *villa* rústica, onde estavam instalados os servos domésticos e agrícolas, responsáveis pelo tratamento da terra, do gado, e do funcionamento do balneário, estando este situado entre a “*pars rustica*” e a “*pars urbana*”. Deste modo, a fonte de calor advinda das fornalhas do aquecimento dos banhos, não sobrecarregava a “*pars urbana*”, já aquecida pelo Sol. A boca da fornalha encontrava-se virada a sul, protegida dos ventos dominantes das nortadas, conforme indica também Vitruvius. O afastamento equidistante do balneário, a cerca de 40 m, face à residência dos proprietários e dos servos, era um elemento de segurança na prevenção dos incêndios, como também recomenda Vitruvius.

Sabia-se da existência de vestígios romanos no local, pelo menos desde 1904, dada a referência de Santos Rocha, no catálogo do Museu Municipal da Figueira da Foz. Mais tarde, o padre Bento Vieira torna a referir a existência de vestígios, na sua resposta ao Inquérito, lançado aos párocos do Distrito de Coimbra pelo Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra. Jorge de Alarcão refere-se-lhes na sua obra “Portugal Romano”. Também os que amanhavam a terra com arados muito arcaicos e de lavra pouco funda, vão dando notícia oral do aparecimento de materiais antigos, que são tesselas de mosaico, fragmentos de baixos relevos, de telhas e de loiça de cozinha.

As escavações sistemáticas e continuadas começaram decisivamente no ano de 1984, decorrentes do projecto de investigação, iniciado em 1979, sobre o povoamento no *territorium do municipium de Conimbriga*. Prolongaram-se até à actualidade, tendo já sido feitas 15 campanhas anuais.

Programa expositivo

Os achados têm vindo a ser estudados, conservados e restaurados com o fim de serem, em parte, expostos à população e aos públicos. Para tal dispôs-se de um centro de interpretação museal, construído de raiz a expensas da autarquia de Penela, na rua da Igreja e com ligação directa à Pousada do Rabçal, preparada para fazer o acolhimento de visitantes, sem qualquer excepção. Este centro dispõe de dois pisos, sendo no piso térreo o acolhimento específico, os sanitários (também para deficientes), a sala de exposição temporária, a reserva/oficina e o espaço de recepção, personalizado, com remissão para o campo arqueológico e outros núcleos do Centro Cultural (Anexo 1). Na exposição temporária referida, será dada uma particular atenção à vista aérea da *villa* romana e território envolvente, remetendo para a ocupação presente do terreno e para a produção de bens de consumo local, ou seja, das “lembranças da terra” (fig. 4).

Esta preocupação de ligar o centro de interpretação museal ao tempo presente, subtraíndo-o a uma inibidora carga passadista, está reforçada pela exposição, no local, de um moderno painel de mosaico da autoria do celebrado pintor Eduardo Nery, ligado a Penela por via familiar. Acresce informar que o moderno painel foi executado por jovens calceteiros/mosaicistas locais, coordenados por Afonso Oliveira, ainda detentores do conhecimento do antigo corte de pedra para mosaico, com escassilhadeira (figs. 5 e 6).

O 1.º andar será dedicado a uma exposição permanente, deixando, no entanto, um espaço livre onde caberão os materiais que, ano após ano, vão sendo levantados do campo arqueológico (figs. 7 e 8).

A exposição permanente sob título “*Villa Romana no Rabaçal: era uma vez...*”, contará com seis temas principais. Os quatro primeiros temas serão sistematizados tendo em conta os materiais em presença; um quinto tema será dedicado ao Homem e à Mulher, fazedores e refazedores da paisagem, e um último tema será marcado pela ideia do inacabado, do incompleto, porque “*toda a obra é incompleta*”. Os temas e as suas subdivisões são as seguintes:

A) *A pedra*

- e o acanto (baixos relevos)
- e o mosaico (tesselas)
- e a construção (aparelhos e módulo arquitectónico)
- e o fogo (pederneira)
- e o pão (mós de grés)

B) *O metal*

- e o adorno (fíbulas, alfinetes, anéis, apliques)
- e o trabalho (ferramentas de várias profissões)
- e a construção (pregos, grampos, escopro)
- e a moeda (*nummus* e circulação monetária)
- e a escrita (estiletas)

C) *A cerâmica*

- e a iluminação (lucernas)
- e a tecelagem (pesos de tear)
- e a alimentação (copos, pratos, panelas, potes)
- e a construção (telhas, tijolos, tubos de abóbada)
- e o lacticínio (acincho)

D) *O vidro*

- e o mosaico (tesselas em pasta de vidro)
- e o adorno (bracelete, anel)
- e a mesa (jarra, taça)

E) *O Homem e a Mulher*

- e a natureza
- e a sociedade
- e o extraordinário

F) *Uma obra inacabada...*

A exposição, que desejamos não restrita ao objecto em si, tem suportes, como sejam, painéis e vitrines (a que não falta a preocupação do valor archi-

tectónico e estético); meios gráficos, como textos, mapas, desenhos, fotos e cenários; iluminação apropriada; meios audio-visuais e fundo sonoro.

No seu todo, o espaço expositor deverá ser um lugar de emoções, onde os materiais comuns aos nossos quotidianos convidem a subir do utilitário à dimensão do simbólico.

Saídos do centro de interpretação museal, cumprirá visitar o sítio arqueológico (fig. 9), onde são visíveis os fundamentos da *villa* áulica, ou residência nobre, construção esta que se desenvolve a partir de um pórtico octogonal, orientado segundo os pontos cardiais. Esta parte da *villa*, conforme painéis ali expostos, tem entrada a sul (fig. 10), onde pontua a torre octogonal; tem a nascente, uma área de prolongamento visual; a norte, a ligação à área dos servos; a poente, o espaço mais nobre da casa, com seus jardins e estufa interior, baixos relevos, ricos pavimentos de mosaicos (fig. 11), e uma construção quadrilobada, provavelmente com função religiosa. Nas traseiras, contíguas desta "*pars urbana*", a norte, encontramos vestígios que nada exibem da grandeza do edifício central e que correspondem, certamente, a uma fase de declínio e abandono da família proprietária. Os moradores que persistem, possivelmente até ao séc. V ou VI, desconhecedores das técnicas mosaicistas, restauram ainda alguns pavimentos, mas fazem-no com insuficiente qualidade. Após o abandono e derube do edifício, o chão agrícola reganha o lugar perdido e cobre os fundamentos. A arquitectura, que outrora foi rica, dá lugar ao trabalho da terra.

Cerca de um milénio depois, possivelmente já no séc. XVI (como sugere a numismática aqui encontrada), num tempo aproximado em que o Rabaçal recebe o Foral do rei D. Manuel I, os antigos fundamentos nobres e os pavimentos ricos de mosaico, bem como o balneário, serão escolhidos para repouso de 14 sepulturas. O lugar escolhido parece ter correspondido ao sentido da necessidade de dignificação do acto de sepultar, num possível momento de crise e de exiguidades, ocorrido num provável tempo de peste que mata crianças e adultos, talvez famílias inteiras. E de novo o chão agrícola reganhou o lugar. E assim, continuou sendo terra fértil até ao presente, rasgada por arcaicos arados de madeira, de lavra pouco funda, que permitiram, felizmente, a não destruição de muito deste acervo.

A cerca de 40 metros, a norte, encontrava-se o balneário que servia a *villa*. Podem ser bem visíveis os fundamentos do que é a fornalha. A sul, temos a estrutura de aquecimento sobre arcaria, tanques impermeabilizados com "*opus signinum*" e canalizações, conforme painéis demonstrativos implantados no terreno.

Subindo a encosta, também a cerca de 40 metros, podem observar-se os fundamentos da *villa rustica* (alojamento dos servos domésticos e agrícolas) e da *villa fructuaria*, onde deverão ser localizados, com o prosseguimento dos trabalhos arqueológicos, o celeiro, o lagar, os estábulos, os alpendres e outros. Estas instalações estariam, como é natural, em ligação directa com o "*fundus*" ou propriedade agrícola, através de estradas privadas.

Conhece-se, no vale do Rabaçal, a existência de um cadastro romano, orientado a 21 graus NW com um módulo normal da centúria quadrada de cerca de 50 ha (710 x 710 metros). Mas é difícil saber se a *villa* se limitava a uma parcela (centúria) ou se, como é vulgar no Baixo Império, se havia verificado uma concentração de propriedade.

Importará ligar o património do período romano ao outro de diversos tempos, incluindo o do nosso quotidiano, onde ganha todo o sentido falar do Homem que, no local, faz e refaz a paisagem. Assim, passeando e subindo a colina de Chanca, ver-se-ão as eiras, as estruturas e os engenhos de água, próximos da *villa* romana, como sejam, as picotas, as noras, os poços, as nascentes, as fontes e os aquedutos que, viabilizando a vida, contribuem ainda hoje, para entender como aquele estabelecimento romano se implantou no local; ouvir-se-ão os chocalhos das cabras e das ovelhas que pastam nos prados e que hão-de dar bom queijo; cheirar-se-ão os odores das lenhas queimadas nas chaminés (um consumo do que foi limpo na poda e limpeza da vinha, do bosque e do olival) e os das plantas, consoante as estações, tão alegoricamente representadas em mosaico; consumir-se-á a rica e diversa culinária, o azeite, o mel, as nozes e o vinho local; ter-se-á em atenção a arquitectura militar, a religiosa, a profana, a erudita e a popular, com especificidades próprias; e, por fim, o Homem local e o Outro, olhar-se-ão num posicionamento sem ascendências, sem etnocentrismos, para o que é fundamental a lúdica troca de saberes tão enriquecedora para quem vem e para quem está.

Por fim, no que respeita aos métodos e práticas museológicas, diremos que as diversas actividades desenvolvidas pelo grupo de trabalho não poderão esquecer, em qualquer momento, que a ele cabe, prioritariamente, descobrir, estudar, conservar, restaurar e expor os bens culturais da *villa* romana, sob pena de ser esvaziado de todo o sentido o presente projecto. Daqui, decorre então, serem fundamentais os trabalhos desenvolvidos no âmbito específico da arqueologia e ainda, da etnografia, pois só assim ganha o papel congregador das forças locais apostadas no crescimento e no desenvolvimento.

A metodologia de trabalho a seguir, aqui, é contextual ou sistémica, acrescida de uma preocupação ecomuseológica.

Assim, aquele trabalho terá que ser interdisciplinar e aberto – será tão aberto até ao ponto de mostrar em exposição, o próprio método seguido nos trabalhos de escavação, e noutros momentos, da presente acção. Deste modo, o arqueólogo/museólogo expõe, expondo-se ele mesmo, destruindo intencionalmente uma auréola de distanciamento tão cultivada como atributo de poder em projectos de marcado poder pessoal. Talvez possamos interiorizar que esta postura de abertura equivale a um profundo estado de espírito e não é, seguramente, um mero gesto espontâneo. Assim, a metodologia seguida é contextual ou sistémica no sentido em que é produto dum trabalho interdisciplinar, baseado numa abordagem aos diferentes elementos que explicam uma mesma realidade. Deste modo, a exposição contextual recusa a dimensão estreita do objecto *per se* ou em si, tão aceite pela arqueologia funcionalista, e inclui-o na interpretação mais alargada da realidade. Ela é ainda de forte conteúdo ecomuseológico, dado que a referida contextualidade ultrapassa os muros e os limites das salas de exposição e das ruínas, para ganhar a ampla dimensão da população e do território envolvente, com núcleos descentralizados, conforme sugere os princípios da ecomuseologia activa.

O atrás exposto não obsta a que, aqui e ali, pontualmente e como convier, a museografia da exposição seja contemplativa, o que é por vezes tão revitalizador; evocativa, no sentido em que traz à imaginação o desenrolar da vida milenar, no lugar; informativa, porque localiza elementos dum mesmo conjunto; analítica, porque tenta entender a realidade estudada; didáctica e pedagógica

porque transmite e interpreta o conhecimento; tipológica, porque ajuda a sistematizar alguns conjuntos de artefactuário; descritiva, na medida em que pode explicar a construção e utilização do artefacto; aberta, porque expõe o próprio processo de investigação; cénica, na medida em que pode contribuir para um redobrado interesse pelo material exposto, nomeadamente junto do público juvenil; lúdica, porque apelativa, não constrangedora; valorizativa da estética do material exposto, algum de finíssima qualidade, que nos transporta, decisivamente, para além da simples funcionalidade.

Exposição dos achados e território – Pretexto e instrumento de crescimento e desenvolvimento

O lugar do Rabaçal é periférico face aos centros urbanos próximos. Nele reside uma população laboriosa muito ligada, em parte, ao amanho arcaico da terra: os rabaçalenses são “serranos”, no dizer dos urbanos.

Rabaçal não dispunha até ao presente momento de fortes motivos específicos de atracção, para além do fabrico tradicional do queijo (fig. 12), organizado em Associação de Produtores, desde 1995, e com feira anual desde 1985.

Assim, é claro que este património do período romano que vem sendo descoberto sistematicamente desde 1984, se apresenta como um valor assinalável. Ele é riqueza que brota da terra, sobretudo se for capitalizado em termos de reforço de auto-estima local e como captação de turismo cultural e social, recusando-se de uma forma decidida, o apelo àquele outro dito de massas – uma potencial erosão muito mais gravosa que a nortada fria do inverno.

O entendimento do acervo romano encontrado no local, ficará aprofundado quando, como pretendemos aqui, se fizer a remissão, através de painéis, para os povoamentos próximos pré-romanos e romanos, como o de Monte Figueiró, Barbealho e Dordias. Pois como dizia Catão “uma quinta agrícola deverá estar rodeada de uma população laboriosa(...)”.

O referido acervo romano servirá também, excelentemente, como remissão para locais de interesse histórico, etnográfico, paisagístico e produtivo no âmbito do território do Município de Penela. Neste sentido, o Rabaçal romano sobe de polo de interesse local a uma outra dimensão – uma dimensão regional – e, como tal, transforma-se em pretexto e instrumento de crescimento e desenvolvimento do território de Penela.

Mas importa não deixar omitido que este crescimento e desenvolvimento não poderá deixar de ser, primeiramente, local. E para atingir tal objectivo importará trabalhar com todas as diversas organizações/instituições existentes no local, como por exemplo:

- a) Associação de Amigos da *Villa Romana* (fig. 13). Esta associação funciona neste momento como uma comissão promotora onde estão representantes da autarquia, colaboradores e elementos da população. À futura associação deverão ser chamados todos aqueles que participaram ou apoiaram as escavações, e ainda os que se identificam, dum modo ou doutro, com os objectivos do centro museal;
- b) Junta de Freguesia/Assembleia de Freguesia;
- c) Centro Paroquial;

- d) Centro Social Polivalente, Recreativo e Desportivo;
- e) Grupo de Danças Tradicionais;
- f) Irmandade;
- g) Extensão do Centro de Saúde;
- h) Educação de Adultos;
- i) Escola de Ensino Básico e Pré-primário;
- j) Grupo Desportivo;
- k) Clube de Caçadores;
- l) Associação de Produtores;
- m) Guarda-rios/Guarda-florestal;
- n) Guarda Republicana;
- o) Carteiro;
- p) Protecção civil;
- q) Câmara Municipal/Assembleia Municipal;
- r) Motoristas da RN/Beira Litoral;
- s) Motoristas de táxis do Rabaçal e arredores;
- t) Comerciantes;
- u) Grupo de reformados;
- v) Cantoneiros;
- w) Bombeiros.

Cumprer referir que todas estas organizações, na sua maioria formadas por elementos da população local, poderão ter um papel fundamental na divulgação do projecto, no reforço da segurança de pessoas e do património, na fixação da memória local, na salvaguarda do material recebido em herança cultural, esta acumulada durante séculos.

Do exposto, no que respeita à população, se infere que é de excluir a atracção do turismo de massas no local. Por outro lado, é de privilegiar a promoção, no local, do turismo cultural e social. Deste modo, e na medida do possível, sempre com a participação activa da população, interessará continuar a privilegiar os contactos com as escolas de diversos graus de ensino, grupos de investigação, associações de defesa do património, associações locais, autarquias, e ainda, com todos os visitantes nacionais e estrangeiros vindos, de preferência, por seus próprios meios de transporte.

A data de abertura aos públicos deverá ser antecedida de informação escrita. Cumulativamente, deverão ser dadas informações sobre horários, percursos, equipamentos de apoio, alojamentos e condições de visita. Deverão ser iniciados ou aprofundados os contactos com escolas, associações, autarquias, quartéis, rádio e TV (fig. 14), imprensa escrita, instituições congéneres e postos de turismo da região. Neste acto de divulgação deverão ser editados cartazes e as publicações deverão ter a clara preocupação da divulgação.

Breves considerações

Deixámos anunciado o esforço, o empenho e a entreaajuda de muitos, indivíduos e instituições, no andamento da presente acção.

Esta só ganhará profundas raízes se for aprofundado o trabalho científico, cultural e social, para o que muito poderá contribuir a Câmara Municipal de

Penela, a Universidade de Coimbra, nomeadamente através dos seus departamentos de Arqueologia e Antropologia, com quem estamos em contacto. Também, muito poderão contribuir para tal, entre outros, a Associação de Amigos da *Villa Romana* do Rabaçal, o Instituto Português da Juventude, as diversas associações e agrupamentos locais, as autarquias locais e as escolas, o Ecomuseu, a Associação Internacional para o Estudo do Mosaico Antigo, o Comité para a Conservação de Mosaicos, o Museu Monográfico de Conímbriga, os parceiros europeus de Palazzo Pignano e Vale de Torres de Jarama, a ADSICÓ, o IPPAR, o IPA, a Associação Eurocultures (Conselho de Europa).

De entre o trabalho científico ganha importância determinante nesta acção o que é próprio da área da arqueologia, sendo certo que o seu objecto de estudo tem aqui uma extraordinária especificidade que o individualiza dentro das antigas fronteiras do Império Romano, na Europa, em África e no Médio Oriente.

No entanto, também é certo que o envolvimento interdisciplinar, como por exemplo, o da etnografia, o da botânica e o da geologia, trará um acrescido sentido à presente acção, a qual não poderá perder de vista, em primeira mão, o impacto sobre a população local, sob pena de denegarmos todo o trabalho já desenvolvido, criando uma eventual “reserva” de indígenas.

A implantação do Centro de Apoio ao Turismo Cultural e Social no meio rural, “Rabaçal, Aldeia Cultural” (fig. 15), ganhará, segundo cremos, novos públicos num lugar que queremos aberto e apelativo, liberto de constrangimentos.

Para o atrás referido Centro de Apoio (Centro de Apoio ao Turismo Cultural e Social em Meio Rural), “Rabaçal, Aldeia Cultural” (RAC), em termos de modelo institucional, preferimos o que vimos denominado por “Centro Cultural”.

Desejamo-lo assim, dado que o modelo de “Centro Cultural”, como definido por Jean-Nöel Mathieu (1992), permite, como é desejável, uma estrutura muito flexível de modo a permitir receber subvenções de carácter público, donativos e receitas comerciais. Os “Centros Culturais”, como diz Mathieu, são locais abertos a diversas colaborações, (...) “podem conceber projectos a longo prazo e abrir-se à colaboração além-fronteiras. São espaços de liberdade. Todos os que agem no âmbito deste quadro demonstram constituir enquadramentos ideais para a iniciativa, a tomada de riscos e as acções a longo prazo, dado estarem, simultaneamente, a salvo do peso das inércias administrativas e das condicionantes comerciais, e também porque as autoridades que os gerem reconhecem uma larga autonomia aos profissionais a quem são confiadas as acções de fundo”.

O Rabaçal será, por vontade alargada de muitos, um espaço de aprendizagem, de troca, de recriação, de descanso, enfim, um lugar de sociabilidades.

Esperamos que o ainda periférico lugar serrano do Rabaçal se transforme num centro do mundo. E sê-lo-á, em definitivo, quando no triângulo de sobrevivência definido por Dan Bernfeld, a população, as forças políticas e os investigadores se afirmem lado a lado.

Bibliografia

- ALARCÃO, J. de (1988) – *Roman Portugal*. Warminster: Aris & Phillips. vol. II.
- ALARCÃO, J. de (1988) – Introdução ao estudo da história e património locais. *Cadernos de Arqueologia e Arte*. Coimbra. 2.
- AMARAL, F. K. (1942) – *A arquitectura e a vida*. Lisboa: Cosmos. (Biblioteca Cosmos; 15).
- ARCE, J.; ZOREDA, L. C.; ELVIRA, M. A. (1979) – *Valdetorres de Jarama (Madrid), Informe preliminar de las excavaciones arqueológicas*. Madrid: Diputación Provincial.
- ARNAUT, S. D.; DIAS, P. (1983) – *Penela, história e arte*. Penela: Câmara Municipal.
- ARNAUT, S. D.; DIAS, P. (1961) – *Região do Rabaçal - A Terra e o Homem*. Penela: Câmara Municipal.
- BERNFELD, D. (1993) – Le musée "participé". *Museum*. Paris. 179: 3, p. 50-53.
- BIROU, A. (1976) – *Dicionário das ciências sociais*. Lisboa: Dom Quixote.
- BOETHIUS, A. (1960) – *The golden house of Nero. Some aspects of roman architecture*. Michigan: University of Michigan.
- CABALLERO ZOREDA, L. (1997) – Investigación y museus. La Museolización de la arqueología. In *IV Colóquio Galego de Museus*, Pontevedra, 1994. Pontevedra: Consello Galego de Museos. p. 15-53.
- CABALLERO ZOREDA, L.; GONZÁLES-MORO, P. L. (1993) – El parque arqueológico del Monasterio de Santa Maria del Melque (Toledo). In *Seminário de Parques Arqueológicos*, Madrid, 1989. Madrid: Ministerio de Cultura, Instituto de Conservación y Restauración de Bienes Culturales, p. 45-79.
- COUTINHO, J. E. R. (1986) – *Ansião, perspectiva global de arqueologia. História e arte da vila e do concelho*. Coimbra: Ed. do autor.
- COUTINHO, J. E. R. (1995) – Moedas hispano-romanas do Monte Figueiró. *Conimbriga*. Coimbra. 34, p. 191-204.
- CUNHA, L. (1990) – *As serras calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere*. Coimbra: INIC.
- DIAS, J. (1949) – Os arados portugueses e as suas prováveis origens. *Revista da Universidade de Coimbra*. Coimbra. 16, p. 245-338.
- DIAS, J. e GALHANO, F. (1986) – *Aparelhos de elevar a água de rega*. Lisboa: D. Quixote. (Portugal de Perto; 12).
- FERNANDES, A.; FERNANDES, R. B. (1991) – *Florula vascular da mata da Bufarda*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.
- GARCIA BLANCO, A. y CABALLERO ZOREDA, L. (1992) – La comunicacion del parque arqueológico. In *Jornadas Internacionales Arqueologia de Intervencion*, San Sebastian, 1991. Bergue: Gobierno Vasco, Departamento de Culture.
- LEHMBRUCK, M. (1974) – Musée et architecture. *Museum*. Paris. 26:3/4, p. 129-267.
- MANTAS, V. G. (1996) – *A rede viária romana na fachada atlântica entre Lisboa e Braga*. Coimbra: Faculdade de Letras.
- MATHIEU, J.-N. (1992) – A propósito da criação de um centro cultural. *Descobertas*. Lisboa. 18/19.
- MONTEIRO, A. J. N. (1996) – *Dórdias (Pombalinho-Soure): uma estação romana no território da Ladeia*. Separata da Revista Portuguesa de História. Coimbra. t. XXXI: 1, p. 77-98.
- O'BYRNE, P.; PEQUET, C. (1979) – La programmation, un outil au service du conservateur, du maître d'ouvrage et du maître d'oeuvre. *Museum*. Paris. 31:2, p. 94-96.

- OLIVEIRA, E. V. de (1971) – *Apontamentos sobre museologia. Museus etnológicos*. Lisboa: Centro de Estudos de Antropologia. (Estudos de Antropologia Cultural; 6).
- PESSOA, F. (1985) – *Ecologia e território. Regionalização, desenvolvimento, ordenamento do território numa perspectiva ecológica*. Lisboa: Afrontamento. (Viver é Preciso; 16).
- PESSOA, M. (1986) – Subsídios para a carta arqueológica do período romano na área de Conimbriga. *Conimbriga*. Coimbra. 26.
- PESSOA, M. [et al.] (1995) – *Villa romana de Rabaçal, Penela (Coimbra-Portugal): Notas para o estudo da arquitectura e mosaicos*. In *IV Reunión d'Arqueologia Cristiana Hispanica*, Lisboa, 1992. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans. p. 471-491.
- PESSOA, M. [et al.] (1997) – *Rabaçal (P.), Palazzo Pignano (I.), Valdetorres de Jarama (E.). Projet européen de coopération. Sauvegarde et mise en valeur des sites archéologiques 1996-1998*. Bruxelles: Eurocultures. Commission Européenne, DGX.
- PITCHER, L. P. (1990) – Il complesso di Palazzo Pignano: il batterie. In *Milano capital dell'Impero 286-402 d.C.* Milano: Soprintendenza Archeologica, p. 521.
- PITCHER, L. P.; PORTA, C.; SFREDDA, N. (1995) – *Un viaggio nel passato. Itinerario archeologico didattico del Cremasco*. Milano: Soprintendenza Archeologica.
- RIVIÈRE, G. H. (1974) – Processus du programme et du projet pour la construction d'un musée. *Museum*. Paris, 26:3-4, p. 268.
- RODRIGO, L.; PESSOA, M.; SANTOS, S. (1998) – *Proposta de programa para o centro de apoio ao turismo cultural e social no meio rural de Sicó – Rabaçal, aldeia cultural*. Rabaçal: Associação de Amigos da Villa Romana.
- TERUGGI, M. E. (1973) – La table ronde de Santiago du Chile. *Museum*. Paris. 25: 3, p. 129-133.
- USCATESCU, A.; BUENO, M. M. (1989) – The *Macellum* of Gerasa (*Yaras/Jordan*): from a market place to na industrial area. *Basor*. Zaragoza. 307, p. 67-88.

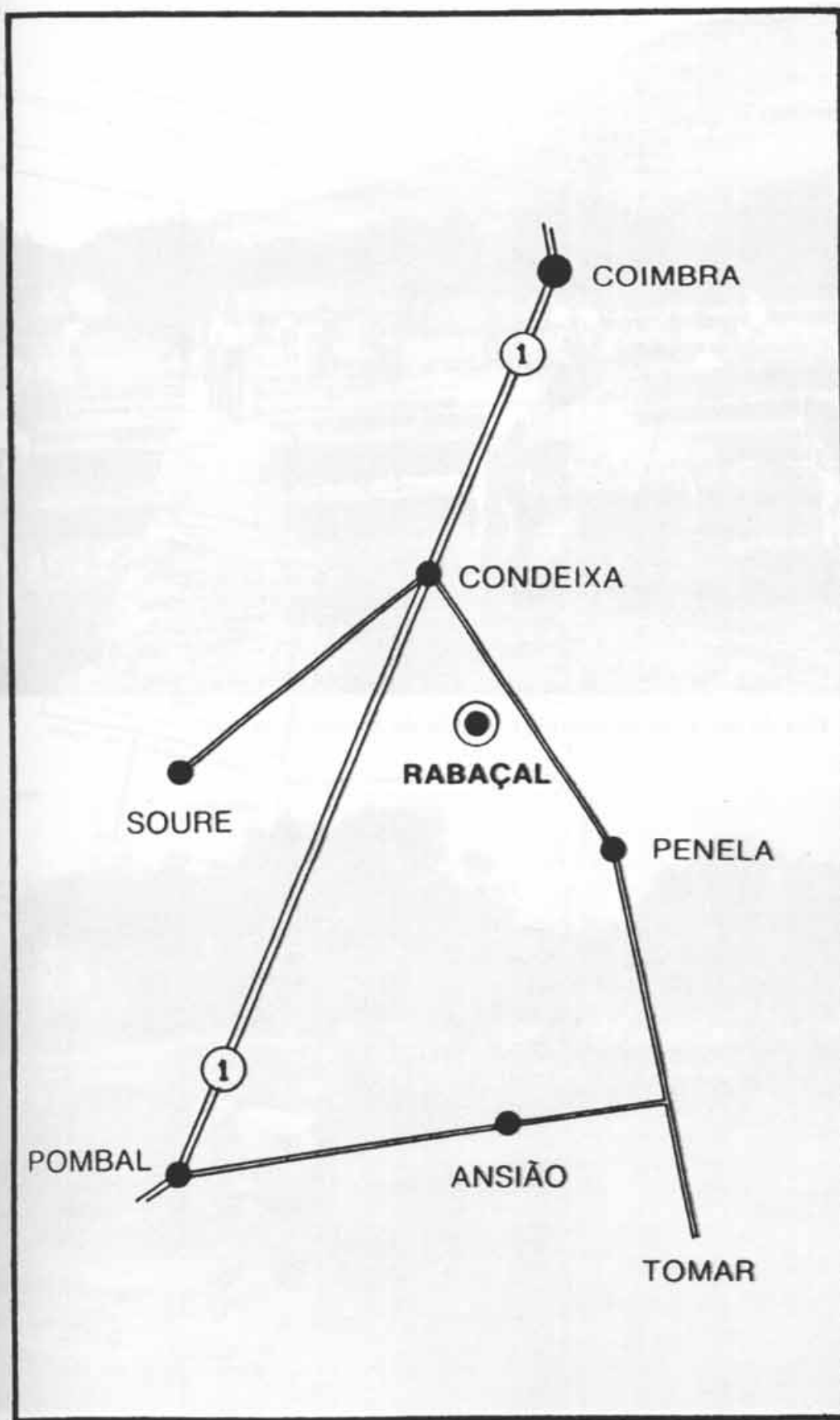


Fig. 1 – Localização do Rabaçal, no concelho de Penela.



Fig. 2 – Vista do vale e das escavações. Fotografia de António Pinto, 1987.



Fig. 3 – Arqueologia e agricultura. Em primeiro plano, acto de carregar e salmejar o cereal. Fotografia de António Pinto, 1986.

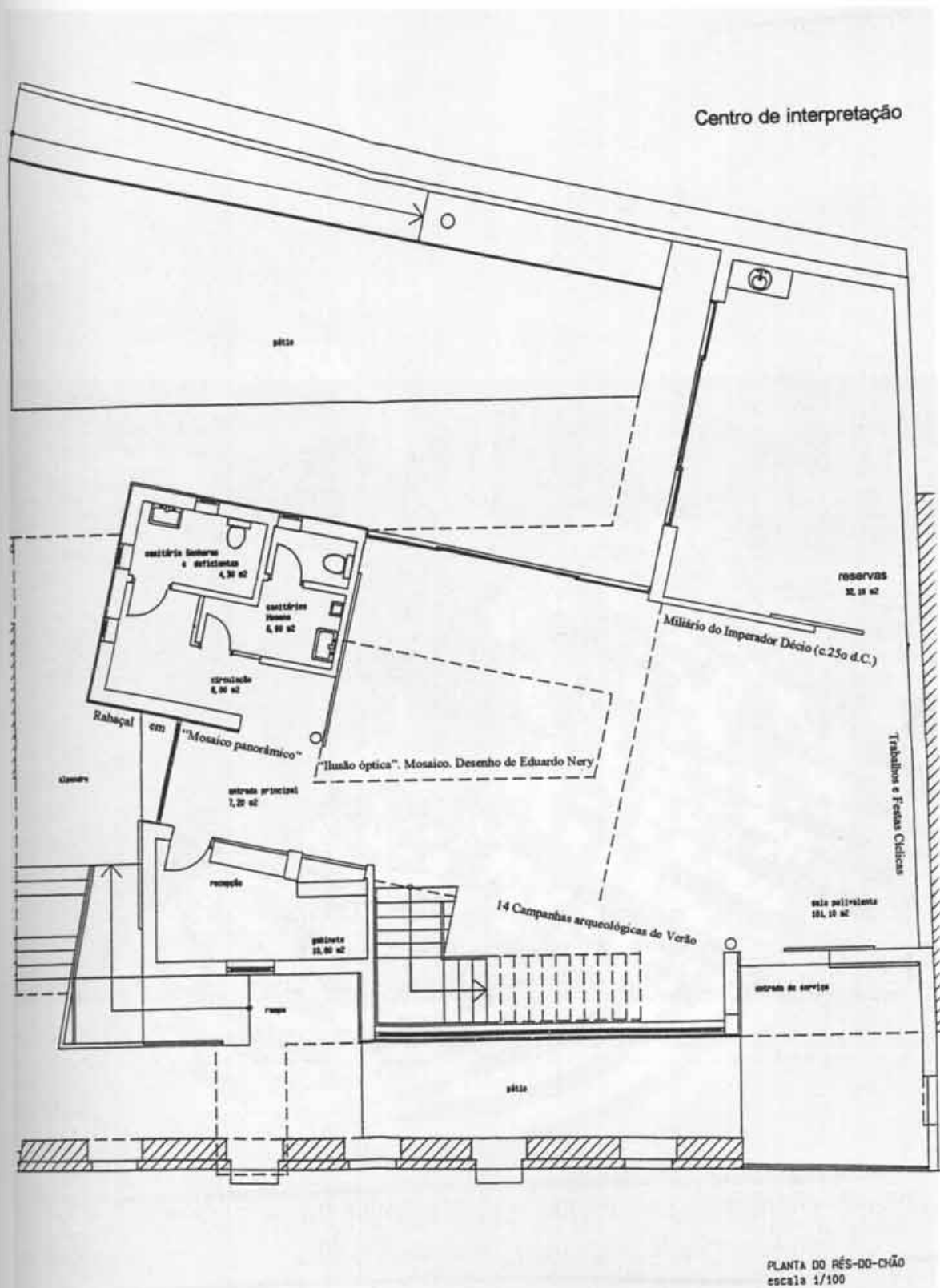


Fig. 4 – Planta do rés-do-chão do Centro de Interpretação, na rua da Igreja. Arq.^{to} Rui Alves, 1999.



Fig. 5 – Execução do mosaico da autoria de Eduardo Nery por Afonso Oliveira. Fotografia de Rafael Fernandes, 1999.



Fig. 6 – Mosaico da autoria de Eduardo Nery executado por Afonso Oliveira, no piso térreo do espaço-museu do Rabaçal. Fotografia de Maya Kramer, 2000.

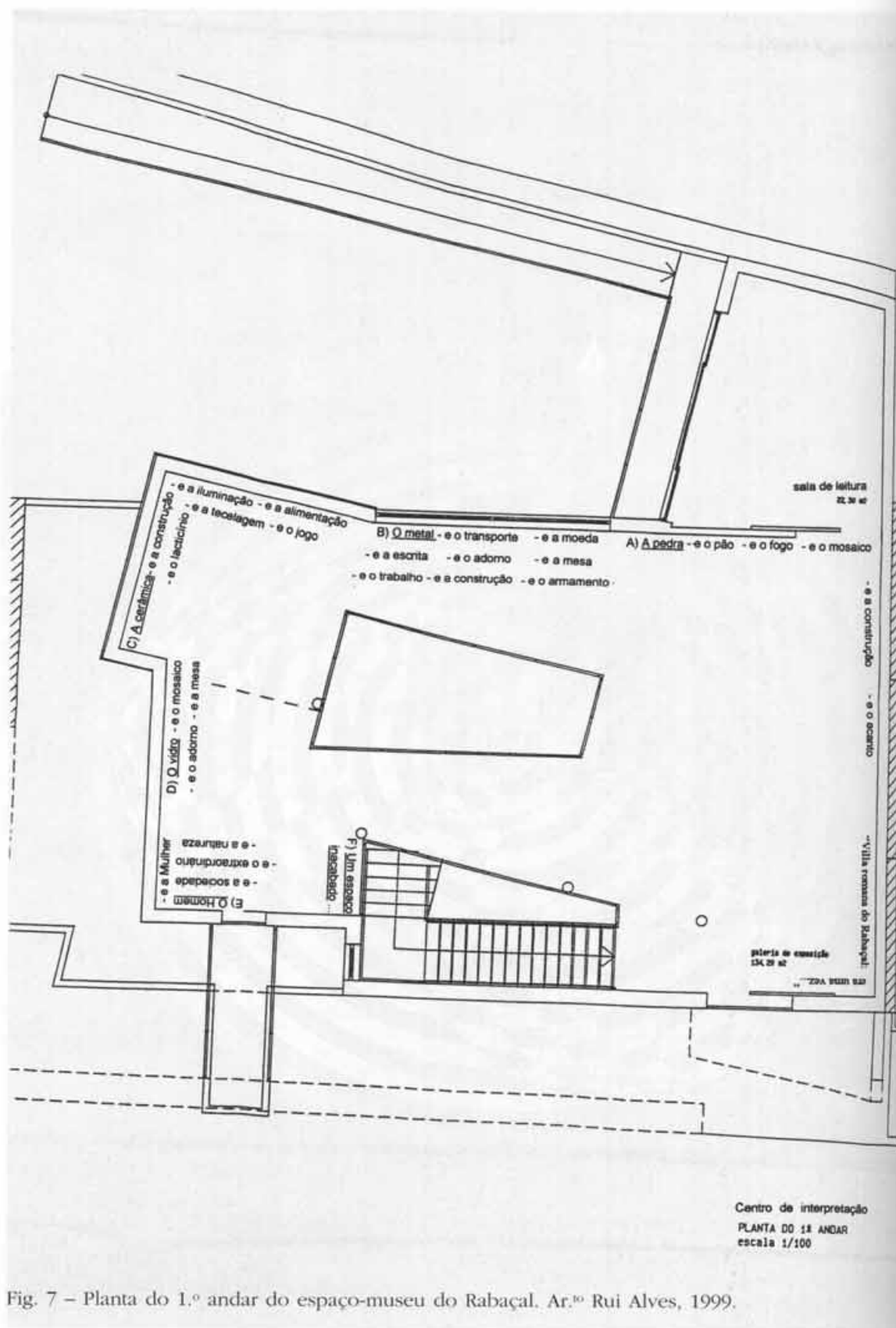


Fig. 7 – Planta do 1.º andar do espaço-museu do Rabaçal. Ar.º Rui Alves, 1999.



Fig. 8 – Fase da obra de arranjos interiores do 1.º andar do espaço-museu do Rabaçal. Trabalhos de marcenaria de José Antero. Fotografia de Miguel Pessoa, 1999.

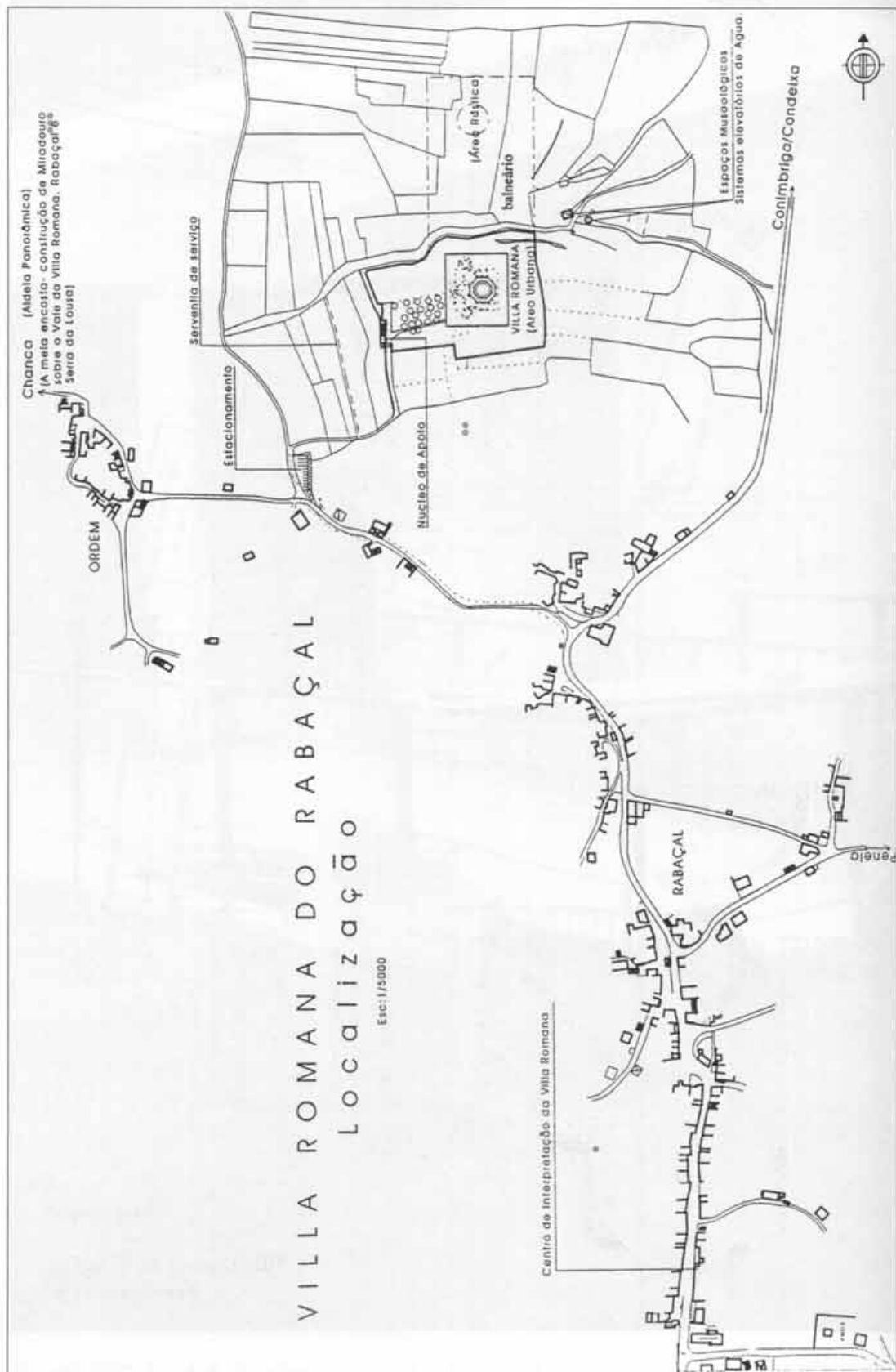


Fig. 9 – Planta geral do Rabaçal com a localização da *villa* romana e edifício de apoio (**), vista panorâmica de Chanca (***) e espaço-museu/Centro de Interpretação (*), na rua da Igreja. Arq.^o Aristides Lourenço, 1998.

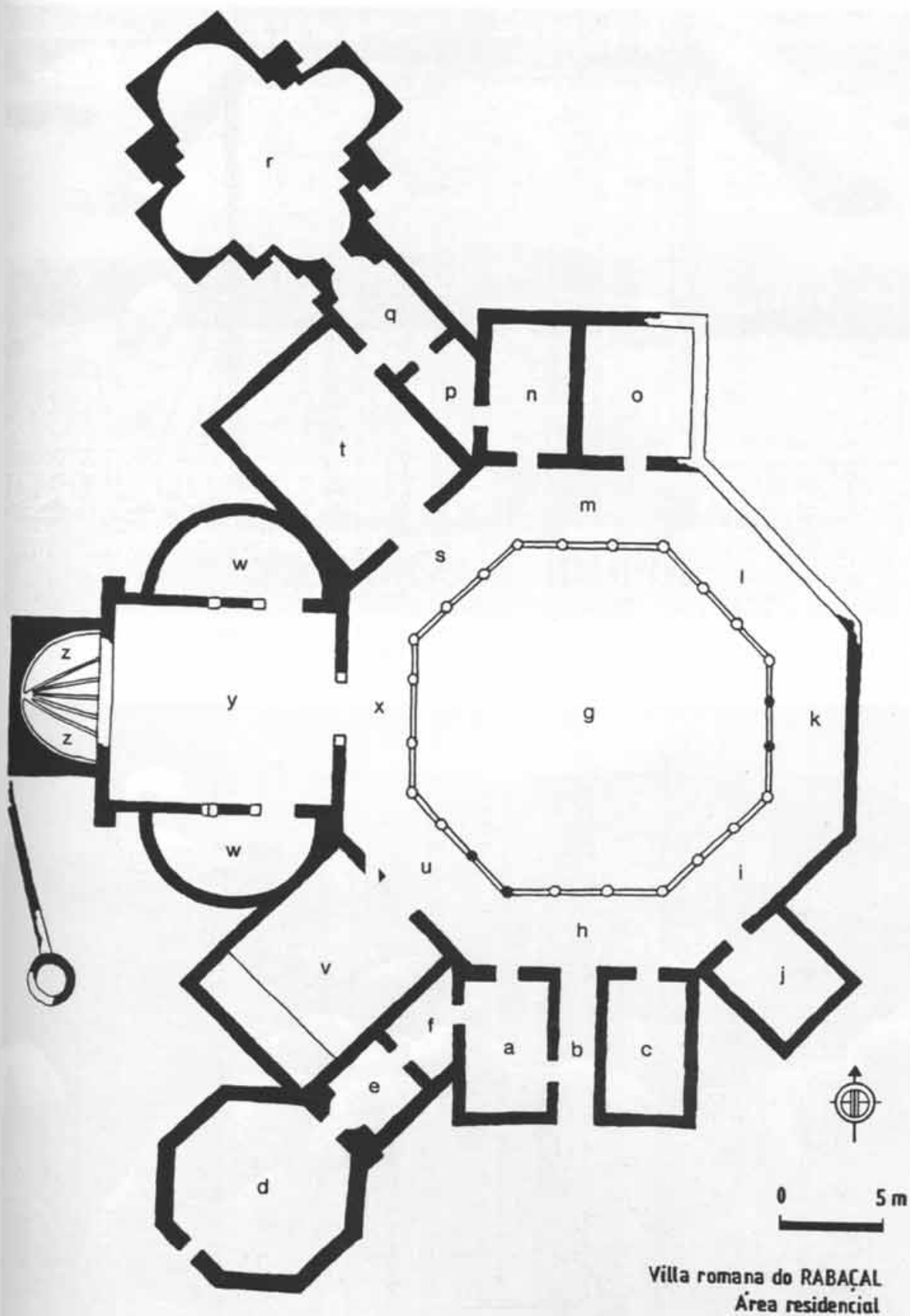


Fig.10 – Planta da *pars urbana*. Desenho de José Luís Madeira, 1994. a/b/c/d/e/f Entrada, atendimento e torre de vigia; g/h/i/k/l/m/s/x/u/ Peristilo (pátio central com pórtico de vinte e quatro colunas e oito corredores); n/o/p/q/r/ Salas de comunicação com serviços a norte; v/t/w/y/z/ Zona nobre de recepção, acolhimento e refeição.



Fig. 11 – Mosaico do triclinio. Fotografia de Delfim Ferreira, 1987.



Fig. 12 – Pastores e pastorícia em manhã de Primavera. Ao fundo castelo medieval do Rabaçal. Fotografia de Delfim Ferreira, 1985.

villa romana • rabaçal



associação de amigos

Fig. 13 – Logotipo da Associação de Amigos. Autoria de José Luís Madeira, 1993.



Fig. 14 – Momento da gravação do programa televisivo “Horizontes da Memória”, do canal 2 da RTP, na *villa* romana do Rabaçal, dirigido pelo Prof. José Hermano Saraiva. Fotografia de Maya Kramer, 2000.



Sabemo-lo. Todas as aldeias são espaços culturais. Mas importa realçar as distintividades de cada uma e, aqui, a imagem fá-lo, remetendo-nos a preto e branco para o homem serrano, usando o seu característico agasalho; para a cabra que, acrescida da ovelha, fornece o leite que dará o apetecido queijo local; para a arquitectura tradicional do sopé e meia encosta por oposição à outra, dita militar, vigia altaneira de guerras entre cristãos e muçulmanos; para os montes Germanelos, associados, em literatura oral, à lenda dos irmãos ferreiros; para a paisagem, herança e recurso a transmitir aos que hão-de vir.

"Rabaçal, Aldeia Cultural" integra no seu Território, entre outros, o Património da Villa Romana do Rabaçal e pretende valorizá-lo como factor de auto-estima.

Fig. 15 – Logotipo "Rabaçal, Aldeia Cultural", da autoria de José Luís Madeira, 1998.

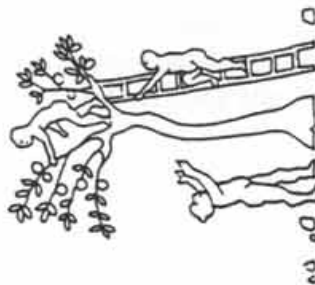
ANEXO I

Guião dos três núcleos (*, **, ***) de visita. Ver a sua localização no mapa da fig. 9.

VILLA ROMANA DO RABAÇAL

Exposição de três núcleos

"Não há nada que se faça a partir do zero"
Carlos de Oliveira



A presente exposição é composta por 21 painéis e cartazes, textos, desenhos, fotografias e planas.

Os painéis integram, como poderão ver, um percurso informativo, distribuído pelos três núcleos de exposição que se complementam entre si, a fim de tornar mais compreensivas a presença humana no local.

E nessa intenção fazer uma avaliação deste trabalho para o que será muito importante a sua reflexão. Desejamos, se assim o desijer, algumas linhas sobre a escolha e o conteúdo dos temas tratados.

***Núcleo de Acolhimento, Estudo e Reserva /**

Espaço Museu / Rua da Igreja

Ris-do-Idão

1. Recepção do visitante. Apresentação das várias núcleos
2. Indicação dos temas de exposição permanentemente, localizadas no primeiro andar. Indicação dos temas das exposições temporárias que decorrem no rés-do-chão.
3. Pintura de autoria de Manuel Filipe (esculturas e óleo sobre madeira).
4. Mosaico contemporâneo de autoria de Eduardo Nery com excerto de Afonso Oliveira.
5. Miliário dos Tempos Romanos.
6. Tempos de trabalho e época.
7. Cronologia.

1.º andar

"Villa romana do Rabaçal: ora uma vez..."

- A. A pedra
- B. O metal
- C. A cerâmica
- D. O vidro.
- E. O Homem e a Mulher
- F. Villa romana: uma obra inacabada.

****Núcleo da Villa Romana / Estação**

Arqueológica

Edifício de apoio

- I. Villa romana e território envolvente.
- II. Rabaçal: geografia e população.
- III. Competências arqueológicas. Uma nota sobre as condições.

Estação arqueológica

- IV. Valoração dos achados da área residencial.
- V. Um olhar sobre a arquitectura e os mosaicos.
- VI. O balneário e a área nortina.
- VII. A sala quadrilátera: espaço de recolhimento. Trabalho de residência. Mosaico datado do século XVI.

*****Núcleo da Vista Panorâmica de Chancela.**

Mosaico Contemporâneo.

Miradouro

NOTA: Este trabalho foi elaborado, em 1999, e decorreu no âmbito do Projeto de Ação Plurianual de Investigação, conforme programa elaborado para a Villa Romana do Rabaçal, relativa ao período 1998-2001. Teve o apoio da Câmara Municipal de Pesele, da Associação de Amigos da Villa Romana do Rabaçal, do Instituto Português da Juventude, da Junta de Freguesia do Rabaçal, do Ecomuseu e da Euroculturas. Foi aprovado e integrado no Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos, pela Comissão de Avaliação do Instituto Português de Arqueologia.



x Rabinal
 Address cultural

[Illegible handwritten notes in the bottom left corner, possibly describing the drawing or providing context.]



[Illegible handwritten notes in the bottom right corner.]

[Illegible handwritten notes along the right margin of the page.]